



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de apresentação
dos premiados no III Concurso Nacional
de Experiências Inovadoras de Gestão na
Administração Pública Federal*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 16 DE DEZEMBRO DE 1998

Senhor Ministro Luís Carlos Bresser Pereira; Senhores Ministros de Estado; Senhores Parlamentares; Senhora Presidente da Enap, Dona Regina Pacheco; Doutor Byron, Presidente do BNDES, do BNB – já não sei se o estou promovendo, porque acho que o BNB vai muito bem, e não precisa ser promovido; Senhor Presidente da Embrapa, Alberto Portugal; Senhor Secretário Federal de Controle, Domingos de Castro; Senhor Hélio Marcos Coutinho Beltrão; Senhores Premiados; Senhoras e Senhores,

Realmente é mais que uma alegria, é uma motivação poder ver o entusiasmo com o qual este prêmio foi aceito aqui, na administração pública federal. O Ministro Bresser disse algo que já tenho dito, e ele também, que convém repetir: ao contrário do que alguns ainda pensam, o Brasil dispõe de um serviço público federal de boa qualidade. E não é de agora. Há uma certa tradição. Não apenas nos grandes corpos burocráticos, que são reconhecidos como corpos competentes, e não preciso nominá-los, mas eu diria que, também, na administração direta e em setores, muitas vezes, surpreendentes.

É um dever de quem está aqui, há quatro anos, na Presidência da República, e já teve experiência anterior como Ministro e mais longa ainda como Parlamentar, dar ao País o testemunho das modificações, do aperfeiçoamento constante, crescente da nossa administração pública.

Ainda, recentemente, conversando com algumas pessoas estrangeiras que nos visitavam e perguntavam sobre essa matéria, eu disse: “Olhem, aqui, há muitos enganos, no Brasil, sobre o funcionalismo. Um é o de que a qualidade deixa a desejar. É possível que sim. Há setores que sim, como em tudo. Outro é o de que nós temos um Estado que é inchado, pelo número de funcionários”. Não sei, exatamente, quantos são os funcionários públicos, mas não são muito mais de 500 a 600 mil.

Quinhentos e dez mil, em um país de 165 milhões de habitantes. Deve ser uma das taxas mais baixas do mundo, *per capita*. Há outros setores que têm, proporcionalmente, muito mais gente – setores da administração estadual e municipal – do que a União federal.

Isso quer dizer que nós precisemos dos 510 mil? Talvez, não. Ou melhor, talvez, não de todos nas funções atuais. Precisam ser reciclados muitos. Alguns terão de ser incorporados. E o mecanismo de incorporação tem sido, sistematicamente, o de concursos. E, a despeito de que pouco se noticia, o Ministério da Administração abriu muitos concursos e fez a rotatividade necessária.

Nós não temos ilusões. Para que se possa ter um resultado positivo, são necessárias quatro coisas: escola, treinamento específico, concurso de ingresso e retreinamento durante a vida profissional. É disso que se trata. Não há nenhum mistério. E o outro não posso falar, porque não é o momento, que é salário. Este nós evitaremos, porque não posso dizer que ganham bem. E, se disser que ganham mal, vão pensar que estou querendo propor aumento. E, aí, complica mais ainda, nesta fase de ajuste, que realmente requer uma atitude mais severa nessa matéria.

Há problemas. Nós lutamos, no Governo, contra alguns desses problemas. Um é o das aposentadorias precoces, que, realmente, é o que limita a possibilidade até mesmo de uma remuneração mais adequada para aqueles que estão em pleno gozo da sua vitalidade e estão trabalhando. Esse é um problema, porque os 500 e poucos mil funcio-

nários, quando somados com o número de aposentados, vão a mais de um milhão.

Então, nós estamos com um problema sério que não pode ser resolvido, simplesmente, pela manutenção das regras atuais, que, aliás, já estão mudando. E precisam mudar mesmo, porque o ideal de vida em uma sociedade moderna, educada, competitiva é trabalhar mais tempo, ganhar melhor e trabalhar bem. O ideal do não-trabalho é um ideal que se foi enraizando no Brasil, porque as condições de trabalho, normalmente, não eram boas e porque a remuneração também não é boa. Então se aposentam para ganhar mais.

Mas está errado. É preciso mudar essa mentalidade, que é uma das coisas mais difíceis que há na nossa cultura, mas que está ligada com a possibilidade de nós melhorarmos a qualidade dos que estão em atividade e a remuneração dos que estão em atividade.

Nós estamos marchando nessa direção. Ninguém muda as coisas do dia para a noite. É um processo. Leva tempo. Há interesses legítimos. Há outros que não são tão legítimos. Há resistências. Há dificuldades. Há incompreensões. Há erros de parte do Governo. Há tudo isso. Mas creio que se avança bastante.

O fato de nós estarmos, aqui, comemorando a distribuição de prêmios, de haver tanto interesse de instituições tão diferenciadas recebendo prêmios e de haver uma competição, no bom sentido, para ver quem recebeu mais prêmios é um sinal de grande vitalidade.

Ao dizer isso e ao felicitá-los pelos prêmios conquistados, quero dizer também que o Brasil deve um agradecimento ao Ministro Luís Carlos Bresser Pereira, à Ministra Cláudia Costin, que o substituiu por algum tempo, e é Secretária Executiva, aos colaboradores do Ministro Bresser, porque o Ministro Bresser é um pregador. Quando ninguém acredita que as coisas possam ser feitas, ele insiste e faz. E acabou de publicar um livro em que tive o prazer de escrever um prefácio, curtíssimo, em que se verá que há toda uma filosofia por trás do que se está fazendo, que há todo um pensamento de reestruturação e que existe toda uma valorização do funcionalismo, ao contrário do que alguma visão mais apressada possa crer, e isso vai sendo implementado.

É preciso, agora, mais energia na implementação. É preciso que haja, realmente, uma vontade decidida do Governo, para que as coisas se alterem com mais velocidade. Mas existe, de toda maneira, aí, todo um embasamento do como e porquê nós estamos provocando medidas de transformação no funcionalismo.

Como nunca tive a oportunidade de dizer de público o que acabo de dizer, é meu dever, realmente, fazer esse reconhecimento público do esforço que está sendo feito pelo Mare, como assim se chama, nessas siglas burocráticas, o Ministério da Administração e da Reforma do Estado.

De modo que, ao dizer essas pouquíssimas palavras, quero apenas aproveitar a oportunidade e desejar a todos os presentes um bom fim de ano, melhoras no novo – vamos fazer força para que seja melhor – e também um bom Natal a todos. E parabéns mais uma vez.

Muito obrigado.